



Maura Moreira
O Canto da Terra
Sonia Maria Vieira, piano

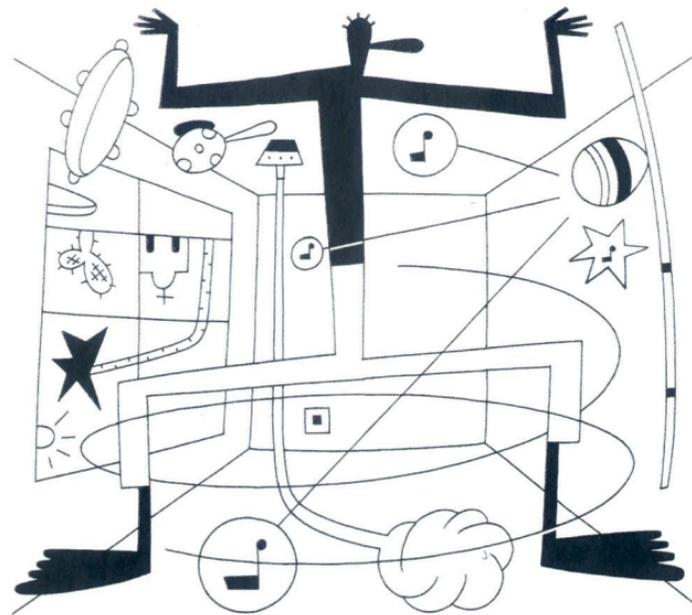
Coleção **Itaú**
cultural

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ACERVO FUNARTE
DA MÚSICA BRASILEIRA

Presidente da República Federativa do Brasil Fernando Henrique Cardoso
Ministro de Estado da Cultura Francisco Corrêa Weffort
Secretário de Apoio à Cultura do Ministério da Cultura José Álvaro Moisés
Presidente da Fundação Nacional de Arte (Funarte) Márcio Souza
Diretor do Departamento de Ação Cultural da Funarte Gilberto Vilar de Carvalho
Coordenadora de Música da Funarte Valéria Ribeiro Peixoto
Presidente da Associação de Amigos da Funarte Arnaldo Niskier

Escreva para Atracção Fonográfica Ltda. e solicite informações a respeito
do nosso catálogo: Av. São Gualter, 1941 - São Paulo - SP - CEP: 05455-002
Tel.: (011) 813-6944 / Fax: (011) 212-9707
Internet: www.atracao.com.br / E-mail: atracao@atracao.com.br



Maura Moreira
O Canto da Terra
Sonia Maria Vieira, piano

MAURA MOREIRA
O CANTO DA TERRA

Em duas dimensões, no tempo e no espaço, este é um recital abrangente em que temos, pela voz privilegiada de Maura Moreira, um panorama do canto popular na terra brasileira. Popular em seu sentido mais fundamentado, porque profundamente ligado à terra e às suas tradições e acima dos modismos. São cantos de fé, de superstições, de trabalho, de amor, cantos de confluências raciais, de heranças espirituais que se somam, buscando pela complexidade da convivência evitar a perplexidade dos desencontros. De início, três lendas amazônicas centradas cada qual no refletir os sentimentos humanos ante um elemento natural. *Cobra grande* é um canto temeroso, de respeito, em que a imaginação alvoroçada prevê ou pressente o réptil imenso e paralisante. Ciúme, superstição e amor fazem a música e o texto de *Tambatajá* (*tābata'yá*, em língua tupi), planta a que se atribuem poderes especiais na conquista e preservação de amores, cuja seiva láctea pudesse ser sensível aos apelos de um coração apaixonado. Finalmente, o pássaro que Villa-Lobos também celebrou em partitura orquestral suntuosamente colorida: o *Uirapuru*. Tão belo o seu canto que as outras aves se calam para melhor poder ouvi-lo... De uma lenda nasce outra: o canto se transforma em poderosa mensagem de amor. A sensibilidade do músico e poeta paraense Waldemar Henrique deu coloridos intimistas e especiais a esses flagrantes de mistério amazônico.

Outro mestre folclorista, Aloysio de Alencar Pinto, compositor, pianista, pesquisador, artista de profunda vivência da música brasileira, leva-nos a apreciar, por meio de harmonizações sutilmente engendradas, uma série de cantos indígenas. *Tagnani-tangrê* é um canto que expande a religiosidade agreste dos nhambiquaras, ao norte de Mato Grosso. Já nas três canções que o sucedem, índios de botoques (argolas de orelha, narinas e beíço), os botocudos, falam do seu dia-a-dia: *Céu grande; Macaco barbado na árvore; e Minha mulher é boa de verdade*.

O Opus 10 de Jayme Ovalle, os *Três pontos de santo*, lançado no terreno da cultura negra. Esses *pontos* são homenagens ao Pai Ogum, deus negro de lutas e guerras, que o sincretismo religioso identifica como São Jorge, o belicoso e trovejado santo das madrugadas de 23 de abril. O terceiro ponto, *Estrela do mar*, é famoso também pelo tratamento coral que lhe deu

Villa-Lobos, em geral aliás mais atraído pela temática ameríndia do que pela africana. Louvações a três outras divindades do culto negro fazemos voltar às pesquisas e às harmonizações de Aloysio de Alencar Pinto. Oxalá ou orixalá é, na Bahia, a fusão da imagem do guia com a concepção ou assimilação da figura de Cristo. Yemanjá, a Mãe-d'Água, tão presente nos hábitos e devoções de tantos, é reverência ao poder e ao mistério do mar, e no terceiro dos *Três cantos afro-brasileiros* volta a presença de Ogum, o santo guerreiro, numa aclamação de esplendor e fé.

Os cantos rudes e fortes de fonte africana e ameríndia são sucedidos nas faixas 3 e 4, principalmente por modinhas e cantigas que logo evidenciam a origem européia, mostrando a aclimação das árias e romanças, sobretudo de origem itálica, à dolência do sentimento já caracteristicamente brasileiro, a derramar-se pelos salões da terra fluminense, a corte, ou por salões mais distantes de suntuosas sedes de fazenda.

A música cultivada assume expressões lacrimosas, alimentadas por textos de muito romantismo, parecendo alguns traduzir, em linguagem menos preciosa, o conteúdo sentimental e patético de tortuosos libretos, cabides em que se penduravam as ricas fantasias melódicas dos mestres do bel-canto, Bellini e Donizetti principalmente. Mas, claro, tudo é mais simples, mais aconchegante, mais nosso. A começar pelo idioma. Do fundo do século XVIII, lamenta-se um: *Se meus suspiros pudessem...* Mais para cá, no século XIX, outro proclama sua jura: *Hei de amar-te até morrer...* Depois, no começo deste século, "um estouro nas paradas", como se diria hoje: *Casinha pequenina*. Não há (perdão, não houve) solar ou mansão em Botafogo, na Tijuca, em Santa Teresa ou nas Águas Férreas onde não tenha ressoado, em elegantes saraus, a queixa do coração abandonado, cuja dor terrível foi partilhada "pelo coqueiro do lado que, coitado, de saudade já morreu..." É, mas a canção *anônima* que o Rio e o Brasil têm cantado conforme a harmonização de Ermani Braga, em adequada moldura, parece ter deixado o anonimato. Vicente Salles, sério pesquisador, trabalhador incansável na defesa do nosso patrimônio artístico e cultural, afirma ter elementos seguros para situar os alicerces dessa pequena casa-símbolo de saudade lá no Norte do Brasil, em Belém do Pará, e seu *construtor* se chamou Bernardino Belém de Souza.

A Ernani Braga se deve a harmonização de *Capim di Pranta*, identificado como um jongo de Alagoas, originalmente uma dança animada por percussão. O carioca Luciano Gallet ligava as antenas da sua sensibilidade às muitas latitudes do Brasil. Do Paraná ele recolhe e harmoniza a modinha *Morena*, *morena* e do Norte a chula *Tayêras*. A chula é uma das muitas danças dramáticas de comunidades negras. Dança dramática, isto é, que tem um significado especial, descritivo ou de louvor e não meramente decorativo, de gratuita diversão. *Tayêras*, definida como chula de mulatas do Norte, é uma dança que as apresenta em grupos, "vestidas de branco e enfeitadas de fitas" e desfilando em louvor de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário. A saudade (sodade) é uma obsessão na cantiga mineira de roda que mestre Alencar Pinto soube tão bem trabalhar e Maura Moreira exprimir. As duas outras cantigas que falta mencionar têm também a saudade como inspiração, aliás uma constante no canto sentimental brasileiro, basicamente triste. Só por um capricho do idioma amar e sofrer não rimam. A toada de caipira, que Mário de Andrade anotou e Villa-Lobos harmonizou, *Viola Quebrada*, é uma fossa sem boate e sem uísque, sem as luzes de Copacabana, é uma dor curtida numa palhoça ou numa longínqua curva de estrada de terra de qualquer castigado interior. Menos dolorida, menos desalentada - aparentemente - é a saudade do gaúcho a cantar *Prenda Minha*.

Algumas coisas podem ser definidas com presteza e acerto: isto é do Norte, aquilo é do Sul. Podemos chegar até a apontar Estados com garantia precisão. Mas uma frase de Andrade Muricy, que Oneyda Alvarenga cita na introdução do seu livro *Música Popular Brasileira*, continua a perturbar até mesmo os que, a exemplo de Oneyda, se aprofundam tanto nas origens e fontes do canto da terra: "O folclore musical brasileiro é ainda um cipoal bravo".

A voz e a arte de Maura Moreira têm o apoio, neste recital, de Sônia Maria Vieira ao piano, ela própria recitalista de seu instrumento e que tem conquistado importantes êxitos na tarefa que se impôs de divulgar intensivamente a música do Brasil.

Zito Batista Filho, 1979

Maura Moreira nasceu em Belo Horizonte. Iniciou os estudos de canto com as professoras Honorina Prates Campos e Alda Campos. Depois, no Conservatório Mineiro de Música, estudou com Eugenia Bracher Lobo e João Décimo Brescia. No Rio, fez curso de aperfeiçoamento com o maestro Maximiliano Hellamm e ganhou uma bolsa para estudar em Viena, em concurso realizado pela Pró-Arte em Teresópolis e patrocinado pelo MEC. Na Academia de Música de Viena estudou com Wolfgang Steinbruck, Josef Witt, Erik Werba, concluindo "com louvor" os cursos de Canto, Ópera, Lieder e Oratória. Logo em seguida recebeu convites para apresentação em óperas, recitais e concertos em diversas cidades da Áustria, Alemanha, Itália, Bélgica, Espanha, Portugal, Suíça, Holanda, etc. O repertório operístico de Maura Moreira inclui os mais importantes autores do gênero, como Verdi, Mascagni, Bellini, Wagner, Puccini, Mussorgski, Prokofieff e os modernos Zimmermann, Henze, Bennet e Robert Ward. O seu repertório de concertos abrange os grandes oratórios e cantatas de Bach, Handel, Haydn, Honegger, Verdi, Kodaly, Beethoven, Mozart, Wagner, Mahler, etc. Em 1970, Maura Moreira cantou pela primeira vez uma ópera no Brasil. Foi em Belo Horizonte, no papel de Santuzza, da *Cavalaria Rusticana*, de Mascagni. Em 1973 abriu a temporada de concertos da OSB, no Rio de Janeiro, e também a temporada da Pró-Arte, em São Paulo. Desde 1961 pertence ao elenco permanente da ópera de Colônia, na Alemanha, e realiza apresentações em quase todos os países da Europa.

Sônia Maria Vieira nasceu no Rio de Janeiro em 11/11/1944, começou aos 11 anos os seus estudos de piano com Allan Felix de Souza. Ingressou na Escola de Música da UFRJ e passou a estudar com a professora Elzira Amabile. E a colecionar prêmios. Dos onze concursos de que participou, classificou-se sete vezes em primeiro lugar, três vezes em segundo e uma vez em terceiro lugar. Em 1965 ganhou o primeiro prêmio no VI Concurso Nacional de Piano do Rio de Janeiro e recebeu bolsa de estudo da República Democrática Alemã para especializar-se com o professor Heinz Volger na Escola Superior de Música de Leipzig.

Sônia Vieira é também formada em piano pelo Conservatório Brasileiro de Música e possui os cursos de pós-graduação em Iniciação e Folclore, ambos da EMUFRJ. Foi solista das principais orquestras e bandas sinfônicas do Rio de Janeiro e São Paulo. Já tem três LPs gravados de música brasileira.

Airton Barbosa, 1979

Maura Moreira, meio-soprano
Sonia Maria Vieira, piano

Lendas amazônicas (Waldemar Henrique)

1. Cobra grande
2. Tamba-tajá
3. Uirapuru

Cantos indígenas (harmonizações de Aloysio de Alencar Pinto)

4. Tagnani-tangrê (canto religioso dos índios Nhambiquaras)
5. Canções dos índios Botocudos: Céu grande, Macaco barbado na árvore. Minha mulher é boa de verdade

Três pontos de santo (harmonizações de Jayme Ovalle)

6. Chariô
7. Aruanda
8. Estrela do mar

Três cantos afro-brasileiros (harmonizações de Aloysio de Alencar Pinto)

9. O Fulu-lorerê ê (canto de Oxalá)
10. Yemanjá (toada à Mãe-d'Água)
11. Abá Iogum (louvação a Ogum)
12. Se meus suspiros pudessem (modinha do século XVIII), harmonização de Baptista Siqueira
13. Hei de amar-te até morrer (melodia do século XIX), harmonização de Baptista Siqueira
14. Casinha pequenina (modinha do século XX), harmonização de Ernani Braga
15. Morena, morena (modinha recolhida no Paraná), harmonização de Luciano Gallet
16. Viola quebrada (toada de caipira), Mário de Andrade, com harmonização de Villa-Lobos
17. Sodade (cantiga de roda de Minas Gerais), harmonização de Aloysio de Alencar Pinto
18. Tayêras (chula de mulatas do Norte), harmonização de Luciano Gallet
19. Prenda minha (folclore gaúcho), harmonização de Ubiratan
20. Capim di pranta (folclore gaúcho - canto de trabalho de negros escravos), harmonização de Ernani Braga.

FICHA TÉCNICA ORIGINAL

Produção FUNARTE

Coordenação Edino Krieger

Assistente Nestor de Hollanda Cavalcanti

Gravação Estúdio da CBS no Rio de Janeiro, em 30/08/79

Mastering Toninho Barbosa

Estúdio Sono-Viso, Rio de Janeiro - 1979

Corte Gravações Elétricas S.A. - Discos Continental

Supervisão Sérgio Vasconcellos Corrêa

Rio de Janeiro, 1979

ATRAÇÃO FONOGRAFICA

Direção Artística *Wilson Souto Jr.*
Gerente de Produto *Edson Natale*
Masterização *Cia de Áudio*
Projeto Gráfico *Click Design Gráfico*
Direção de Arte *Luiz Cordeiro*
Arte Final *Caio Mariano*
Charge *Jaca*

ESTE CD É UMA REPRODUÇÃO DOS DISCOS DE VINIL E TRAZ NO ENCARTE OS TEXTOS CRÍTICOS E/OU INFORMATIVOS ORIGINAIS. PARA SEU LANÇAMENTO HOVE MINUCIOSO PROCESSSO DE RECUPERAÇÃO E REMASTERIZAÇÃO DIGITAL GRAÇAS AO EMPENHO DA CIA DE ÁUDIO. EVENTUAIS ALTERAÇÕES NA QUALIDADE DO SOM SÃO INERENTES AO EQUIPAMENTO E ÀS TÉCNICAS DE GRAVAÇÃO DA ÉPOCA.

O Itaú Cultural escolheu a recuperação do acervo fonográfico da Funarte como marco de sua atuação na área musical, coerente com o objetivo de contemplar uma das mais ricas vertentes de nossa cultura - a música brasileira - e valorizar a produção cultural pela pesquisa, sistematização e divulgação de suas manifestações nas diversas formas de expressão.

Construído nas décadas de 70 e 80, o acervo é resultado de diferentes séries temáticas de discos originalmente lançados em vinil, abarcando diversas vertentes de nosso universo musical e contemplando tanto a música popular e folclórica quanto a música erudita clássica e contemporânea. É inquestionável a constatação de que, não fora esta ação da Funarte, diversos músicos e composições jamais encontrariam espaço para registro e divulgação.

No início dos anos 90, a falta de diretrizes culturais para o país colocou em risco todo o trabalho anteriormente desenvolvido, levando à perda de boa parte das matrizes das obras produzidas. Graças à parceria estabelecida entre o Itaú Cultural, a Funarte e a Atração Fonográfica, os discos de vinil coletados entre diferentes colecionadores em diversos pontos do país estão sendo cuidadosamente remasterizados.

Temos, portanto, enorme satisfação em oferecer em compact disc aquele que é, sem dúvida, um dos mais importantes acervos de música brasileira.

Lendas amazônicas (Waldemar Henrique)

- 01 Cobra grande 1:57
67533477 Mangione
- 02 Tamba-tajá 2:04
67533396 Mangione
- 03 Uirapuru 1:27
67533310 Mangione

Cantos indígenas

(harmonizações de Aloysio de Alencar Pinto)

- 04 Tagnani-tangrê 1:52
(canto religioso dos índios Nhamiquaras)
67533230
- 05 Canções dos índios Botocudos: 1:36
Céu grande, Macaco barbado na árvore, Minha mulher
é boa de verdade
67533159

Três pontos de santo (harmonizações de Jayme Ovalle)

- 06 Chariô 1:10
67533078
- 07 Aruanda 0:32
67533469
- 08 Estrela do mar 1:03
67533388

Três cantos afro-brasileiros

(harmonizações de Aloysio de Alencar Pinto)

- 09 O Fulu-lorerê é (canto de Oxalá) 2:21
67533302
- 10 Yemanjá (toada à Mãe-d'Água) 2:30
67533221
- 11 Abá Iogum (louvação a Ogum) 3:25
67533140
- 12 Se meus suspiros pudessem (modinha do séc. XVIII) 3:18
(harmonização de Baptista Siqueira) 67533060
- 13 Hei de amar-te até morrer (melodia do séc. XIX) 4:00
(harmonização de Baptista Siqueira) 67536450
- 14 Casinha pequenina (modinha do séc. XX) 2:12
(harmonização de Ernani Braga) 67533370
- 15 Morena, morena (modinha recolhida no Paraná) 2:42
(harmonização de Luciano Gallet) 67533299
- 16 Viola quebrada (toada de caipira) 3:28
(Mário de Andrade/harmonização de Villa-Lobos) 67533213 SICAM
- 17 Sodade (cantiga de roda de Minas Gerais) 1:25
(harmonização de Aloysio de Alencar Pinto) 67533132
- 18 Tayêras (chula de mulatas do norte) 1:16
(harmonização de Luciano Gallet) 67533051
- 19 Prenda minha (folclore gaúcho) 2:12
(harmonização de Ubiratan) 67533442
- 20 Capim di pranta 2:04
(folclore gaúcho-canto de trabalho de negros escravos)
(harmonização de Ernani Braga) 67533361

Coção **Itaú**
cultural



(011)813-6944
www.atracao.com.br

MINISTÉRIO DA CULTURA

FUNARTE

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA



Fabricado pela Microservice - Microfilagens e Reproduções Técnicas da Amazônia Ltda. CGC. 34.525.444/0001-02 - Manaus - sob encomenda de Atracão Fonográfica Ltda. - CGC: 01.252.045/0001-00

